



NUNJO FINKEL
(1926-1992)

A Neurologia Brasileira ficou mais pobre e menos brilhante com a morte de Nunjo Finkel. Inteligência luminosa, aliava ao imenso conhecimento neurológico uma capacidade singular de observação, qualidades que possibilitavam a transformação de casos clínicos, até então prosaicos, em verdadeiros tesouros que ele conseguia desvendar e dissecar nos pequenos detalhes, utilizando sua extraordinária semiótica. E com que facilidade discorria sobre os mais variados temas, sempre com propriedade e exatidão, relacionando fontes bibliográficas, nas visitas às enfermarias ou nas sessões clínicas às terças-feiras, no auditório do 7º andar do Hospital dos Servidores do Estado (HSE), que hoje tem o seu nome.

Austríaco, nascido em Viena em 13 de julho de 1926, veio aos dois anos de idade, com os pais Jaime e Lea para o Brasil, que adotou como sua pátria antes mesmo da naturalização, em 1949*. Inicialmente a família se fixou na cidade da Bahia (Salvador), tendo ali começado os primeiros estudos, não só os convencionais como, também, o de violino. O ginásio, foi fazê-lo na cidade do Recife, por injunções familiares. O na época chamado Científico já cursou no Rio de Janeiro, então capital da República, no conceituado Instituto Lafayette. Graduou-se em medicina em 1952, na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Foi interno, por concurso, do Instituto Fernandes Filgueira (1949 a 1950), do Hospital Fro Matre (1949-1951), auxiliar médico, por concurso, da Prefeitura do então Distrito Federal, de 1950 a 1952.

Iniciou a residência médica em Neurologia no Hospital dos Servidores do Estado, em que permaneceu por um ano (1953) indo, a seguir, para os Estados Unidos da América, onde fez três anos de residência em Neurologia no The Mount Sinai Hospital, em New York, tendo sido chefe de residentes, e um ano em, Psiquiatria no Goldwater Memorial Hospital e no Grasslands Hospital Wetchester Cúnty, também em New York. No Mount Sinal foi discípulo de Morris Bender, um dos maiores neurologistas da escola americana e que dedicava especial atenção à neuroftalmologia, por quem tinha um afecto e admiração especiais e a quem citava frequentemente nos «rounds» e sessões do Serviço. Voltando da América do Norte, prestou concurso para médico do IPASE, em 1955, tendo passado a atuar, já então brilhante e de raciocínio agudo, associado a uma verve irônica desconcertante como atestam os contemporâneos, com o mesmo entusiasmo com que se manteve até o final, já chefe do Serviço, no HSE.

Foi Chefe de Clínica do Serviço de Neurologia do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto da Universidade do Estado da Guanabara (1963 a 1965), consultor em Neurologia a 4ª Cadeira

de Clínica Médica da mesma Faculdade (Serviço do Professor Jayme Dandmann) e coordenador do Curso de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, em 1967. De 1968 a 1969, foi Professor de Neurologia da Faculdade de Medicina de Campos, Rio de Janeiro, e de 1976 a 1985, Chefe de Clínica do Serviço de Neurologia da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde implantou rotinas de trabalho e de pesquisa, reuniões memoráveis aos sábados pela manhã, quando também pontificava a figura extraordinária da neurologia brasileira, Abraham Akerman, mestre e amigo, chefe do Serviço.

No HSE, exerceu várias funções, tendo sido instrutor de médicos residentes, atividade a que sempre se dedicou, mesmo depois de chefiar o Serviço e em que tinha especial empenho. Provocava uma dedicação tão intensa nos seus residentes que eles eram chamados de «FinkePs boys». Ele os incentivava a ler, escrever trabalhos, apresentá-los em congressos e era extremamente generoso em emprestar separatas, livros, documentação fotográfica, cobrando sempre uma atualização de suas bibliografias naquele tema. Foi escolhido Chefe de Clínica do Serviço de Neurologia em agosto-1980 e, quando da aposentadoria do Chefe do Serviço, Dr. Cláudio Godinho Naylor, em agosto-1987, ascendeu à Chefia do Serviço de Neurologia do Hospital dos Servidores do Estado, cargo que ocupou, entusiasmado, até sua morte. Na véspera, discutiu a programação científica para 1992 e delineou as linhas gerais de atuação do Serviço.

Participou de todos os Congressos da Academia Brasileira de Neurologia, em vários deles sendo relator de temas oficiais, ocupando sempre lugar de destaque em mesas redondas e cursos. Teve papel fundamental na organização do último (1990), realizado no Rio de Janeiro, na Comissão Científica delineando todo o seu perfil e contribuindo decisivamente para o grande sucesso deste Congresso em termos de conteúdo e qualidade dos temas abordados.

Era presença assídua e participante em todos os encontros de neurologistas realizados no Rio de Janeiro no ano de 1991, nos diversos serviços neurológicos da cidade, sob o patrocínio da Liga Brasileira de Epilepsia. Foi membro da Academia Americana de Neurologia e da Academia Americana de Psiquiatria desde 1956, membro titular da Academia Brasileira de Neurologia desde 1963, membro titular associado da Sociedade de Neurocirurgia do Estado da Guanabara desde 1967, membro fundador da Sociedade Brasileira de Neuro-radiologia, 1966.

Publicou quase uma centena de trabalhos, nos mais diversos campos da neurologia, em revistas brasileiras e estrangeiras, tendo descrito, em 1962, em 80 membros de duas famílias, uma forma pseudomiopática tardia da atrofia muscular progressiva heredo-familiar, que passou a ser conhecida pelo seu epônimo (Autosomal Dominant Late Adult Spinial Muscular Atrophy Type Finkel — American Journal of Medical Genetics, 1981). Escreveu capítulos, em vários livros, sobre temas neurológicos ligados a pneumologia, reumatologia, cardiologia, terapia intensiva e cirurgia,

Na véspera de sua súbita e inaceitável morte, terminou de revisar as quase 300 páginas do seu livro — «Neurologia das Artes Ferformáticas» — a que dedicava especial carinho nos últimos meses e aquela garra e entusiasmo que o caracterizavam quando discutia temas neurológicos.

Mesmo não pertencendo formalmente a qualquer Universidade, exerceu intensa atividade didática, sempre pronto a participar de cursos, seminários, encontros, simpósios, sendo incontáveis as aulas que ministrou durante toda a sua vida. Tinha, impecavelmente organizado, material didático de praticamente todos os temas neurológicos, com diapositivos e separatas, que procurava atualizar frequentemente. Orientou informalmente diversas teses que foram examinadas em várias Universidades, além de concursos para Docência. Uma das lembranças mais fortes é a do seu entusiasmo ao examinar pacientes neurológicos: conhecia os pacientes da enfermaria e os examinava pessoalmente a todos e, quando, vibrante com um doente que apresentava uma patologia especial, dizia que era um privilégio examiná-lo, que deveríamos pagar para isso e, não, receber.

No dia 17-janeiro 1992, após uma jornada normal de trabalho no dia anterior, no Hospital dos Servidores do Estado, no consultório, após terminar definitivamente a revisão do seu livro, estudar mais um pouco, às 3:30 horas teve morte súbita. Deixou a esposa Edith, oftalmologista de renome no Rio de Janeiro, os filhos Dan, José, Joyce e Jayme, a pequena Isabela, sua neta adorada, e a irmã Marlene. Deixou-nos, também, a todos nós, seus filhos da neurologia, que tivemos o privilégio de conviver com sua inteligência fulgurante e de aprender, pelo menos um pouco, da imensidão que ele tinha para nos ensinar. Deixou-nos, ex-residentes, ex-alunos, colaboradores, amigos, pacientes, irremediavelmente órfãos.

Sem sombra de dúvida, Finkel, a neurologia brasileira ficou mais pobre e menos brilhante sem você.

MARIA C LINE TE SAMPAIO LACATIVA